

V.1 Na que é hoje a quarta capela da Charola -- para onde terá sido deslocada da segunda em época que não pudemos determinar -- conserva-se uma arca tumular

Quando, em 1904, se procedeu à abertura deste moimento, descobriu-se no seu interior um esqueleto mais ou menos desfeito e os restos de uma vestimenta -- um corpete -- bordada a matiz. Pelo exame a que então se procedeu da ossada e desta peça de indumentária, pôde concluir-se que ... seria uma criança do sexo feminino, com aproximadamente oito anos de idade.

V.2 ... Esta representa a tumulada envergando um corpete justo abotoado por botões, no último dos quais se revela uma figura que aparenta ser a de um M gótico minúsculo.

155

Reflecte sobre a disparidade entre a figuração (de uma rapariga fisicamente mais desenvolvida -- referência aos seios) e a idade da tumulada, dizendo que tal não lhe parece (como parecera a J. M. C. de Sousa) motivo de espanto.

A cabeça, encostada em duas almofadas, é cingida na frente por uma espécie de coroa cinzelada a partir de motivos vegetais, e fechada por duas tiras, decoradas do mesmo modo, que se cruzam no alto da cabeça, por sobre a mantilha. Consideramos ser de assinalar o aparecimento de semelhante jóia, numa época em que subsistem muito poucos exemplos de tal tipo de adorno, para mais fechado, como este.

... O manto longo ... está preso por um grande fírmal circular, também cinzelado com motivos florais, enquanto um grosso cinto, provavelmente também trabalhado por um ourives, marca uma cintura elegante.

156

V.2 A face lateral esquerda ... encontra-se decorada com três escudos franceses, sendo o do meio preenchido com as armas de Portugal: cinco escudetes besantados e apontados em cruz e bordadura carregada com catorze castelos. Quanto aos outros dois, são esquartelados de uma mão alada e de um leão. Aos pés da arca depara-se-nos um quarto escudo também esquartelado de mãos aladas e leões, enquanto que na cabeceira é outro escudo com armas de Portugal que se releva.

Na almofada, mais dois escudetes, que dão a impressão de nela estarem bordados, repetindo os da arca.

Encontramo-nos, portanto, perante uma conjugação heráldica das armas de Portugal e dos Manuéis, de Castela.

V.3 Refere a dúvida sobre a identidade da tumulada, afirmando depois a incongruência da tese de [Saraiva](#), só possível devido à falta de conhecimentos de heráldica por parte daquele.

157

V.4 Retomando ... a observação desta questão, começámos por procurar nas velhas crónicas algo que nos pudesse trazer um esclarecimento sobre a matéria. Mas foi somente numa das crónicas ditas dos Sete Primeiros Reis de Portugal que descobrimos um (/158) apontamento que confirma a não veracidade da tese de Saraiva.

Sob o ponto de vista estritamente heráldico, porém, já elementos havia que nos permitiam avançar alguma coisa. Assim, a colocação dos escudos de armas no túmulo ou, melhor dizendo, a sua ordem de precedência, e sabendo-se que a sepultada era uma criança mais que provavelmente falecida solteira, é indicação bastante precisa de que, nesta arca feral, deveria jazer um filho ... fruto da união de um príncipe português com uma dama da régia estirpe dos Manuéis de Castela.

Com efeito, as armas de Portugal ocupam os lugares considerados principais -- o centro da face lateral, a cabeceira e, no cochim, a direita da cabeça ... -- o que constitui segura comprovação de qual seria a varonia da menina

Rejeita de seguida a tese de que a tumulada seria uma filha de D. Pedro e de Constança Manuel, devido à impossibilidade de uma tal figura não ser mencionada pelas crónicas.

Rejeita também a possibilidade de se tratar de uma filha de D. Fernando, dizendo que a arca data de uma época substancialmente anterior (/159) àquela em que D. Fernando poderia ter procriado um filho, ainda que bastardo.

Rejeita também a hipótese de se tratar do túmulo da infanta D. Branca, filha mais velha do casamento de D. João I com Filipa de Lencastre (falecida em Março de 1389, com pouco mais de oito meses): Esta infanta teve realmente um túmulo com estátua jacente, que está referido na *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* (huma pequena sepultura de pedra, que esta junto destes moimentos delRey D. Afonso e da Rainha D^a Bryatiz com huma figura de moça emleuada, nom he desta Infante D^a Briatiz, sua neta, mas he da Ifamte D^a. Branca, sua bizneta, filha del Rey D. Joam prymeiro e da Rainha Filipa, que faleceo moça, e a mandarão aly sepultar) e que foi provavelmente destruído pelo terramoto.

V.5 Tornava-se realmente necessário procurar outro casamento entre um infante de Portugal e uma senhora da linhagem dos Manuéis. E esse casamento existiu: foi o do **infante D. Afonso, senhor de Portalegre, com D. Violante, filha do primeiro casamento de D. Manuel, infante de Castela e fundador da estirpe dos Manuéis.**

Além disso, sabe-se que dessa união nasceram, pelo menos, um filho varão, D. Afonso, e quatro fêmeas, D. Isabel, D. Maria, D. Constança e D. Brites, tendo o pai morrido em Lisboa, em dois de Novembro de 1312. Segundo alguns autores, entre os quais se refere D. António (/160) Caetano de Sousa, D. Isabel casou com João XVII, senhor de Biscaia A irmã seguinte, D. Maria, casou duas vezes, primeiro com D. Telo de Meneses e, em segundas núpcias, com D. Fernando de Haro Quanto a **D. Constança**, aquele genealogista fá-la casada com Nuno Gonçalves de Lara, alferes-mor de Fernando IV, s. g., dando-a já por falecida em 1296. Por último, D. Brites casou com D. Pedro Fernandes de Castro, O da Guerra, s. g. vindo a morrer em 1343.

Foi com base na observação heráldica da arca tumular e nestes dados de índole histórico-genealógica que J. E. Filgueiras Soares, num artigo que intitulou Notas para a solução de um problema de História de Arte [*Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 20, Abril de 1962], emitiu a realmente muito convincente e plausível hipótese de a misteriosa tumulada na Charola da Sé de Lisboa ser **D. Constança**, a terceira filha de D. Afonso de Portugal e D. Violante Manuel.

O seu falecimento, em 1296, quando o pai tinha apenas trinta e três anos, terá forçosamente ocorrido quando ela era muito jovem. Pois que, se admitirmos que o infante D. Afonso tenha casado aos 18 anos e fosse pela primeira vez pai aos 19, **sua terceira filha teria nascido entre cerca de 1285 e 1289**. De modo que, ao morrer em 1296, D. Constança poderia, de facto, ter perto de 8 anos de idade.

Sobre o casamento, o autor defende que estaria provavelmente apenas ajustado, nunca tendo chegado a consumir-se, por a noiva ter falecido antes de atingir a idade núbil.

161

Antes de terminar este ponto, considera-se útil referir que as armas do infante D. Manuel e da sua descendência são, no que respeita ao 1.º e 4.º quartéis, falantes. Partindo de uma diferenciação das armas de seu pai, o rei Fernando, O Santo -- que usava um esquartelado de Castela e Leão -- nelas se mantiveram os quartéis de Leão, sendo os demais preenchidos por mãos aladas de ouro, em campo vermelho -- por sinal que os mesmos esmaltes e metais que se verificam nas armas de Castela. Ora terá sido o arcebispo de Sevilha, D. Raymond de Lausanne, a ordenar-lhe as armas. Pelo que poderá estabelecer-se uma evidente ligação fonética entre os termos mano -- em castelhano -- e aille, em francês, e o nome próprio do príncipe que foi o primeiro utente destas armas.

VI.1 Sobre a capela de S. Cosme e S. Damião, também referida como de Santa Cecília.

Ela é uma das mais ricas, em termos heráldicos, especialmente se contarmos entre os seus elementos o gradeamento de ferro forjado de estilo romano-gótico que para ela foi feito e nela durante alguns séculos se manteve

162

Descrição das armas dos **Pachecos** na inscrição: ... quatro escudetes, ... todos eles de cadeado -- pendentes de pregos de cabeça redonda -- e ponteira, cada um dos quais

contendo duas caldeiras postas uma sobre a outra, carregadas de duas faixas veiradas e com as asas igualmente veiradas e serpentíferas.

São as armas dos Pachecos, em toda a sua simples e original pureza de sinal proto-heráldico dos antigos Ricos-homens de Pendão e Caldeira.

167

VII.1 Sobre o túmulo de D. Maria de Vilalobos:

Em nota: toda esta composição faz-nos recordar a constituição de um só selo iconográfico medieval.

... Recoberta a cabeça por uma mantilha de aspecto monacal, envoltos a testa e o pescoço pela beatilha, cinge-lhe a fronte uma espécie de rolo ou diadema constituído por motivos florais [em nota: ... os mais antigos coronéis ditos de nobreza são, por via de regra, constituídos por rolos de folhagem semelhantes a estes].

168

... sob o ponto de vista estritamente heráldico, reveste-se de muito maior riqueza e variedade, na aplicação de decoração daquele tipo.

Focar-se-ão, em primeiro lugar, os seis escudos de tipo peninsular que se revelam nas faces visíveis do sarcófago Apresentam-se-nos todos eles preenchidos pelas mesmas armas: dois lobos passantes e sotopostos, de estilização bastante arcaica -- e são providos do mesmo tipo de bordaduras (?) das que, em idênticos lugares, ornamentam o túmulo de Lopo Fernandes.

Encontramo-nos perante as armas conhecidas dos Vilalobos, que no ... Livro do Armeiro-Mor, se encontram iluminadas como se segue: de ouro, dois lobos passantes e sotopostos de púrpura.

169

... Sob o tampo do sarcófago, à esquerda do jacente ... revela-se um escudo de reduzidas dimensões, igualmente carregado com as armas dos Vilalobos. A sua colocação e tamanho torna-o num caso fora do vulgar, e mesmo, dificilmente compreensível, em termos de armaria tumular.

Por outro lado, o manto da estátua ... encontra-se preso ... por um grande firmal com a forma de uma estrela de oito pontas ... ornamentado com mais um escudete, preenchido com os dois lobos Notar-se-á, por último, que nos seis grandes botões ... se encontram esmaltados, alternadamente, os lobos dos Vilalobos e as caldeiras dos Pachecos.

VII.3 O autor estranha a não aposição das armas do marido em local privilegiado do túmulo: Trata-se de uma anomalia evidente, mas para a qual não dispomos de explicação plausível.

171

VII. 4 Sobre o gradeamento: data-o de meados do século XIV.

A sua existência é justificada pela presença da Rosa de Ouro aos pés de uma imagem da Virgem na capela, ou dentro do próprio túmulo de Lopo Pacheco.

A decoração da grade é vista como representando elementos heráldicos do casal e figurações da própria condecoração.

175

X.1 Sobre o túmulo de Margarida Albernaz:

Segunda Mulher de Nuno Fernandes Cogominho, que terá sido o primeiro membro da sua estirpe a ascender a um lugar cimeiro da hierarquia nobiliárquica, e isso graças a ter desempenhado as funções de almirante do reino, em tempos de D. Dinis, e os cargos de almotacé-mor do rei D. Afonso IV e de chanceler-mor ao serviço de D. Pedro I

176

A Capela de Nossa Senhora da Misericórdia foi fundada pelo casal, que determinou nela ser enterrado.

O autor defende que existiu indubitavelmente uma arca de Nuno Cogominho, desaparecida no terremoto de 1755.

X.2

O vestido é justo no corpete e está preso, à frente, por vários botões decorados com estrelas de seis pontas, e do pescoço cai um longo colar de contas desmesuradamente grandes. Quanto ao manto, está preso acima dos seios por um enorme firmal circular, decorado com um losango (/177) que, por sua vez, está carregado com um escudete de tipo peninsular, com a superfície inteiramente delida.

X.3

Cinco escudos de tipo peninsular. Nos do meio da face lateral e das cabeceiras, deparam-se-nos cinco chaves postas em pala e colocadas em aspa, com os palhetões para cima e virados à destra, providas de pequenas argolas de pega: são estas, indubitavelmente, as armas dos Cogominhos ... : de vermelho, cinco chaves de prata postas em pala e colocadas em aspa, com os palhetões para cima virados à destra.

Em cada um dos dois escudos das extremidades da única face lateral ... quatro candelabros de sete lumes ou arbustos muito esquemática e geometricamente estilizados. São as armas dos Albernazes ... : escudo esquartelado de azul e prata, com 4 carapeteiros [tipo fantástico de pereira] heráldicos de um ou outro.

11/21/97